

## O Corpo de Luz

Eliete Villela Pedroso Horta

Maria Cristina Minicuci

Olga Maria Fontana

Vera Lúcia Furtado Paschoa

Neste texto, Sandor entrelaça o corpo, a psique e o desenvolvimento espiritual como sendo interdependentes e colaboradores no processo de evolução psíquica em direção à totalidade.

*“Quem não vive o seu mito pessoal, ou melhor, não coloca a sua vida dentro do passado, do futuro e no presente, como algo homogêneo, está vivendo apenas um construto intelectual sobre si mesmo. Em outras palavras, só com a função mental está percebendo o seu existir.*

*Isso podemos encontrar em muitos pacientes que vêm para a terapia, que imaginam sobre si mesmos como se fossem um construto mental, e vivem da mesma maneira como os outros, comem do mesmo jeito como os outros, dormem do mesmo jeito como os outros, mas não tem essa expansão mítica da sua pessoa. Então, está se desligando dos dinamismos inconscientes, nem vive a sua temporalidade dentro de uma atemporalidade de modo adequado. Naturalmente, com outras palavras, isso significa que nem inconscientemente como, em geral, costuma ocorrer, está em relação com o próprio SI-MESMO, com o Eu Maior, que os antigos chamaram **CORPO-DE-LUZ**. Era uma expressão antiga. Corpo ‘líberos’, o corpo incorruptível. Naturalmente, nenhuma dessas expressões descreve adequadamente aquilo do que se trata, que eu chamei às vezes do Terceiro Ponto. Mas essas denominações indicam que trata-se de algo que não está fora de nós, que está dentro de nós, e pertence a nós, só que o nosso crescimento não chegou ainda a realizar isso em todos os seus aspectos. E como os orientais dizem, isso só pode ocorrer durante séries de existências para esta realização mais completa. E naturalmente, indicaria o abandono de todas as anteriores realizações parciais.*

*E aqui, naturalmente, quando a gente vê isso dessa maneira, tenta ver isso de modo sintético, precisamos cuidar muito: não impor isso sobre os pacientes como uma exigência. Cada paciente já realizou uns aspectos parciais dessa totalidade, desse SI-MESMO, desse CORPO DE LUZ –*

vamos dizer assim – mas, sentiriam como exagerada nossa exigência, como uma imposição, como ‘forçar a barra’, porque o desenvolvimento nunca ocorre de modo linear, mas de modo espiral; e, mesmo o terapeuta experimentado tem de ficar muito atento para perceber que, em certa volta da espiral, não forçar algo que pertence ao outro lado da volta da espiral. Entenderam o que eu disse agora?

Ou não tentar eclodir algo que pertence a uma fase subsequente e para isso é necessário quase – falamos agora da espiral – uma volta de 180 graus. Então, sempre só aquilo que podemos – tanto dentro de nós, como também nos pacientes – evidenciar, verbalizar, apontar, que estiver dentro do tempo hábil, que estiver dentro do momento adequado, pode ser colocado para o paciente. Por isso, com certas percepções, em certas comunicações, às vezes, temos que esperar semanas, meses, ou até – como já experimentei – anos, quando da parte do paciente surge um tipo de estímulo, um tipo de reconhecimento do fato. Porque aquilo que eu transmito, seja aceita a minha opinião, ou a minha interpretação, como válida, com certo respeito – pode ocorrer com qualquer terapeuta – nunca calha, nunca implanta-se com tanta intensidade do que quando surge espontaneamente da parte do paciente. E, nesse caso, nós podemos fazer aquilo que a gente faz com a plantinha que brota: não vamos puxar a planta para crescer mais, mas tiramos tudo aquilo que ao redor poderia atrapalhar o seu crescimento. E, naturalmente, regamos. Agora, esse regar – eu disse regamos – esse regar também ocorre.

Se, em termos junguianos, falamos de contribuições arquetípicas, evocadas por uma necessidade ou por um conseguimento, ou por uma expansão da consciência, podemos também virar – eu gosto sempre de fazer isso – podemos virar o quadro e dizer o seguinte: que, já que trabalhamos com o corpo, podemos imaginar – isto é uma imagem meio descrição, meio simbólica – que, dentro do nosso corpo físico existe um imenso espaço. Esse é o espaço extracelular. Porque as células estão ligadas uma à outra, mas, entre elas, há um espaço microscópico, sub-microscópico, mas juntando, esse espaço é muito grande. Por isso disse já o velho Demócrito que não há nada no mundo, só átomos e, entre os átomos, espaço vazio. Ele percebia isso dessa maneira. Então, eu volto agora: cada conseguimento, cada abertura, cada resultado que ocorre dentro do paciente, com a nossa contribuição, com a nossa ajuda, ou sem a nossa contribuição e sem a nossa ajuda, como se desse CORPO DE LUZ precipitasse até o corpo físico, no espaço extracelular, qualquer substância, que os orientais chamam substância lúcida. Essa substância conserva não o corpo apenas, mas o funcionamento energético para que se mantenha sempre dentro do nível adequado, não o mesmo nível, no nível adequado, que corresponde a uma situação.

*Essa é aquela flexibilidade que podemos observar em certos pacientes que estão andando já de modo quase independente de nós e conscientes do processo nos seus próprios caminhos. Os antigos ensinaram também que quando você se desenvolve, você se entrega, você vai superar – não perder – superar os desejos do corpo, os desejos da alma, até o desejo para se desenvolver. Porque toda a existência transformou-se num desenvolvimento.*

*Hoje em dia, falamos mais em termos junguianos, de dinamismos arquetípicos que tomam conta de nós, como se fosse uma carga da matéria lúcida, e depois vem uma outra carga, e uma outra carga, e uma outra carga que produz expansão da consciência. Isso denomina Jung, na base das lendas folclóricas antigas, como encontrar o tesouro precioso. Aquela grande procura, aquela espera paciente do momento hábil quando isso pode ocorrer. E não depende de nós, mas depende de nós se nesse momento estamos prontos para atuar de modo adequado. E aqui vamos fazer um pulo, do CORPO DE LUZ ao corpo físico.*

*Este atuar adequado que ocorre tanto no dinamismo somático no dinamismo emotivo, no dinamismo cognitivo, só pode ocorrer, na realidade, se existem motivações adequadas e uma das motivações mais cotidianas e mais simples é motivar o corpo, isto é, trabalhar com o corpo. O povo já reconhecia isso há muito tempo, desde a renda portuguesa até as diversas produções de artesanato, ou até artísticas, continuando com danças, com músicas, com cânticos. Em termos folclóricos, tudo é movimento. A vida nossa, em geral, é movimento. Então, o povo sabia como impor a si mesmo movimentos.*

*O povo sabia como colocar a sua consciência em faixas diferentes, através do trabalho corporal. E isso também depois foi elaborado, de modo mais caprichado, em povos mais beligerantes: dança de sabre, dança de lança, dança de escudo, e assim adiante, onde a gente encontra antigos rituais para consagrar as armas, para que possa servir de modo adequado, adaptar-se mutuamente com seu dono e servir de modo adequado, quando se trata do uso.*

*Da mesma maneira, em cada sessão podemos observar um peculiar ritmo - não podemos impor e não devemos impor. E, muitas vezes, o nosso trabalho é uma dança de escudo, outras vezes uma dança de sabre, outras vezes uma dança de lança e assim adiante. Outras vezes um galopar como um cavalo junto ao paciente, percorrendo áreas grandes, mas sabendo que depois de percorrer, temos de mais uma vez percorrer mais lentamente para poder assegurar e fixar a nossa posse.”*

